Paradoxo

Tukula da Silva

FICHA TÉCNICA | © tukuladasilva 2026

Título:
Paradoxo

Autor: Tukula Da Silva

Editor: Tukula Da Silva

Capa & artwork: Tukula Da Silva & Ninoh Da Silva

Paginação: Tukula Da Silva

Revisão: Digital

Edição:
1.ª edição — outubro de 2026

Tiragem: 500 exemplares

ISBN:
978-989-34-0463-8

Impressão: Mwangole

Contactos: contact@tukuladasilva.com

Instagram: @paradoxe.tukula & @tukula_da_silva

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio — fotocópia, offset, fotografia, digitalização, entre outros — sem o consentimento prévio, por escrito, do editor ou do autor. Esta proibição abrange os conteúdos paginados, o arranjo gráfico e o design da capa. A violação destas regras é passível de procedimento judicial.
O conteúdo da presente obra é da inteira responsabilidade do autor.

© Tukula Da Silva 2026

Para o meu pai, Mário Rui Silva, e para a minha tia Lita.
Aos que foram cedo demais...
Para o meu filho, Salvador Kyene.

Prólogo

Na arena do court, Mathéo está em casa. Um terreno para adultos que se enfrentam como gladiadores modernos. Dezanove anos, e já o início de uma carreira profissional. Toda uma vida de disciplina animal levou-o até este instante.

Na bancada, a família está presente.

Óculos escuros no rosto, como sempre que aparecem juntos. *«A família Stevie Wonder»,* gracejam alguns, num tom meio terno, meio trocista. Por detrás dessas lentes opacas, joga-se outro encontro. Poker silencioso: gestos calculados, silêncios prolongados, ínfimos movimentos de cabeça.

Como nesses jantares em que uma palavra a mais pode virar a mesa, cada um esconde as suas cartas, deixando, apesar de si, escapar uma emoção furtiva.

Lá de cima, as bancadas parecem jogar a sua própria partida. Em baixo, Mathéo só vê uma rede e uma linha branca. Faz a bola quicar, marca o ritmo. A boca está seca, os dedos picam no *«grip».*

Respira fundo, afasta os pensamentos parasitas, imita a neutralidade perfeita do pai. No peito, o coração bate forte, pesado, como quando, em criança, espreitava a sombra deles ao bordo do court.

Ele sabe que esta família não se sustenta apenas no amor: também se apoia no orgulho, nos não-ditos, nas vitórias. Aqui como ali, basta um nada para tudo alterar. Uma bola na rede.

Um instante suspenso.

Ama esta família complexa, excessiva, secreta. Mas sabe também que uma vitória aqui pode apertar os laços… ou fazer rebentar o que ainda resiste. Hoje, joga tanto pelo encontro como por eles.

Um último ressalto. Fixa a linha, alvo preciso. *«Aponta para o T»,* diz para si. Como quem acerta bem no meio de uma frase, para romper um silêncio que pesa.

O serviço parte, tenso, poderoso. A bola rasga o ar, sobe, depois desce em direção ao T. Na bancada, por detrás dos óculos escuros, três corpos ficam imóveis.

Esse ponto, Mathéo sabe, decidirá muito mais do que um set: é talvez a última trajetória em que ainda avançam juntos. Porque há bolas que, tal como certas histórias, não conhecem regresso.

T., Becks, os gémeos — todos ligados por fios invisíveis. É tempo de descobrir o que os trouxe até aqui.

PRIMEIRA PARTE

Eles

No quarto de hotel, impessoal e luxuoso, suspenso sobre a indiferença urbana, T. e S. concedem-se um instante de isolamento voluntário. A nudez deles, ao mesmo tempo desinibida e frágil, reflete-se no imponente espelho fixo na parede, em frente à cama.

— Gosto de estar nu contigo, S. És irresistível, dá vontade de te devorar.

— Dá-me a tua boca, T.

O pedido, murmurado, paira um instante antes de ele lhe roçar os lábios com a ponta dos dedos, para depois os capturar num beijo febril. Juntos, encaram a realidade crua: dois corpos nus, unidos na mesma harmonia. Uma gargalhada partilhada irrompe, marcando uma trégua na sua busca incessante de sentido num mundo aberrante.

Enquanto se une a ela, o tempo parece distorcer-se, afastando-se da frenesia lá de fora. As malas, estandartes da sua transitoriedade, jazem num desarrumo ordenado. Os telemóveis,

símbolos da conectividade opressiva, permanecem silenciosos, ignorados.

A vista, a partir do seu refúgio, transforma a cidade numa maquete sem sentido, onde os carros, reduzidos a simples brinquedos, se movem de forma quase cómica. À noite, o horizonte embeleza-se com um espetáculo de luzes: um bailado surreal de faróis, uma encenação desprovida de profundidade, um ir e vir constante de brilhos brancos e vermelhos.

Naquela bolha, cada comodidade — da cama *king size* à televisão conectada — apazigua temporariamente o tédio existencial. Até a escolha entre *room service* e *rooftop* se torna um dilema fútil, sem consequência real.

Uma simples procura de gratificação imediata.

Na sua torre de marfim, T. e S. enfrentam-se em silêncio, prisioneiros de uma existência de contornos difusos.

Por vezes, já não precisam de palavras. Apenas olhares, gestos mínimos, uma coreografia instintiva ditada por uma regra que não formulam. Testa contra testa, mantêm-se imóveis, respirações misturadas, entrecortadas, como para se certificarem de que ainda existem.

Para T., aquilo é a quintessência da felicidade. O hoje não importa, e o amanhã parece excluído dos pensamentos de ambos.

Depois do calor único e absurdo do enlace, S. mantém-se ali, colada a ele, agora já vestida com um pijama preto, sob o seu olhar

ávido. Ele contempla-a, escruta-a, despe-a com os olhos. Um enlevo.

Só pela sua presença, S. implode a vida de T. Transforma o seu quotidiano numa sinfonia de alegria e riso. As mãos de T., como as de Edward Mãos de Tesoura, tocam-na com uma delicadeza quase irreal. Quando acariciam S., é como se a realidade se metamorfoseasse. O sorriso enterrado de T. renasce na presença dela, devolvendo-lhe uma liberdade que julgava perdida. Em vez de rugir de raiva, solta gargalhadas; em vez de chorar, esboça um sorriso. Em vez de se irritar, desperta para os outros, para o tempo, para a beleza do quotidiano.

T. toma consciência da riqueza do presente, do valor de viver enquanto outros já desapareceram cedo demais. O vínculo deles ilumina cada instante, dando à vida comum uma intensidade nunca antes conhecida. É nesse misto de emoções, de riso e de descobertas que T. encontra uma espécie de êxtase, uma revelação do brilho da vida.

Excitado por tantas sensações, envolve S. com o corpo, pressionando-se contra as costas dela. Os antebraços contraem-se para a segurar. O coração bate contra as omoplatas dela. A barba roça-lhe a curva do pescoço, desencadeando um arrepio que ele adivinha subir-lhe pela nuca.

Ela sussurra-lhe ao ouvido:

— Adoro sentir a tua barba, pica um pouco, é delicioso.

Ele pega-lhe nas mãos, entrelaça delicadamente os dedos nos dela. O peito dele pressiona-se contra as costas dela, as pernas entrelaçam-se nas dela. Já não são dois, mas um só, numa fusão perfeita, conscientes de que tudo pode acabar a qualquer

momento — dentro de dias, meses ou até horas. Uma impressão efémera, irreal, que torna o instante ainda mais requintado e delicioso.

As palavras escapam-se-lhe como um sopro:

— T., aperta-me forte contra ti.

Ele pousa a mão esquerda no contorno de um dos seios dela. Sente-lhe a respiração acelerar. A cabeleira encaracolada de S. forma uma desordem hipnótica em torno do rosto, perfeita representação do caos interior de T. Há uma beleza trágica nessa confusão… Uma beleza que reflete a natureza caótica da relação deles.

Juntos, formam uma unidade dissonante. O abraço não é um ato de amor, mas uma linguagem secreta, tecida de pele e silêncio, que exprime a sua solidão melhor do que as palavras. Nessa tensão muda, S. desliza as ancas sobre o joelho de T., como para afastar o espectro da separação, misturando instinto e cálculo.

Nesse ímpeto de romantismo, o apocalipse, surdo e insidioso, infiltra-se em silêncio.

T. sente-o aflorar. Vicioso, sombrio, descontrolado. Adivinha que aquela pele tão suave se tornará espinho. Mas a adrenalina é demasiado forte — apodera-se de cada célula, até da consciência.

Está perdido. Ele sabe.

Já não há controlo, já não há limites. Sabe que a vertigem levará tudo consigo, como uma vaga traiçoeira.

S. solta-se do abraço. Observa a sua silhueta de todos os ângulos, lábios entreabertos como se fosse dizer algo. Mas nada surge.

— Vou tomar banho, vem comigo. Depois, quero passear um pouco, andar pela cidade a teu lado e que me abraces.

T. aceita o convite sem hesitar.

Pronto a oferecer o coração à dor, ao sofrimento, ao jogo dos sentimentos, sabe-se consenciente. Como numa prática BDSM, inventa — ou não — uma palavra de segurança, única saída possível. Mas queria ele realmente essa escapatória?

Dominados pelo prazer, tornam-se analfabetos, incapazes de recordar sequer o significado dessa palavra.

Desde o início, o poder hipnótico do encontro, inesperado, arrebatou-o, sem que ele percebesse porquê ou como. Esforça-se por dissimular as consequências inevitáveis, invocando a loucura e a ignorância, como uma defesa perfeita para manter um resquício de razão. S. oferece-lhe, por breves instantes, uma oportunidade inusitada, rara e preciosa de viver intensamente: uma experiência improvável, extraordinária, inebriante.

T. sente que, com S., o seu lado oculto já não será um fardo. Toda a vida lutou contra essa sombra, poliu-a para se conformar aos outros. S., com a sua sensualidade exacerbada, arrasta-o para si. Atraído como metal por um íman, avança para ela sem conseguir resistir. Um seixo a escorregar inexoravelmente para o precipício...

«No presente imediato, diz para si: tu e eu. Aqui e agora.»

T. concede-se essa ilusão de liberdade. Sem saber ainda que o coração ficará em breve preso num torno.

T. saboreia cada parcela da pele dela. Avidamente. Como um dependente de crack.

Esse instante é um pássaro migratório: pode nunca mais voltar.

Ele retém-no com o olhar, agarra-o pela pele, capta-lhe o calor como quem armazena luz antes da noite.

O enlace permanece um enigma. Mas fica impressionado com essa harmonia, essa partitura sem nota falsa.

A união está destinada a extinguir-se. Ambos o sabem.

Essa fissura torna a felicidade mais viva, mais rara, como o ar puro das alturas.

É irónico. Doloroso. Um condensado da vida: absurda, efémera, esplêndida. Com S., a incoerência transforma-se em graça. A intimidade deles torna-se um quadro vivo, um prazer para os olhos.

Para T., S. é um caos magnético, o prenúncio de uma tempestade. Ele avança para ela como quem caminha rumo à trovoada, decidido a desafiar o futuro, seja ele qual for.

Abandona-se ao sono no aperto suave dos braços de S., à deriva no compasso surdo de um mar invisível, como se todo o Atlântico rugisse sob a sua pele.

Não calcula nada. Só precisa de descansar e saborear o gosto dos lábios. São belos. Sós no mundo, naquele quarto de hotel, anónimos entre anónimos.

Envolta num amontoado de almofadas, S. já fechou os olhos.

S. aperta a mão de T. com força, depois retém-na, como se hesitasse em largá-la. Por fim, pousa-a sobre o ventre liso, sem uma palavra.

O silêncio adensa-se, como se a própria cidade contivesse a respiração. Depois, sem aviso, as primeiras notas de *I Want Your Love* surgem-lhe no espírito.

Os metais dialogam com linhas de baixo profundas, cortadas por riffs de guitarra nervosos. As cordas assobiam em uníssono, tecendo uma troca vibrante, quase carnal. Essa música é a vida: tem swing, embala, dá vontade de dançar. Apaziguado por essa pulsação, T. suspira, deixa-se levar… e adormece.

Vida

A noite foi doce, quase irreal. Mas a manhã não tem contemplações.

Um ecrã acende-se, uma notificação. Uma voz familiar — a do seu sobrinho — anuncia-lhe aquilo que o sono tinha suspendido.

— Sabes, o Heng morreu.

Relê a mensagem. Duas vezes. Três vezes. Heng. O seu quiroprático. O único que sabia pôr em ordem tanto as suas costas como os seus pensamentos. O mundo não perdoa nada. T. telefona-lhe de volta, cuidando para não acordar S.

— O quê?! Não é possível, ele nem tinha quarenta e cinco anos.

— Eu sei... Um ataque cardíaco, no escritório. Os serviços de emergência não conseguiram reanimá-lo.

T. não acredita. O quiroprático deles. Um ser extraordinário, impregnado de benevolência. Aquele que o tinha libertado de tantos problemas físicos… e mentais. Tinha acabado de partir para o outro mundo. Aquele de onde não se volta.

O Heng dizia sempre que o planeta não precisava de mais agitação, mas sim de mais atenção. Ele lembra-se dessa frase ao observar o que nos rodeia nos últimos anos.

Perder o Heng era perder um ponto de referência num universo já demasiado instável. Ele tinha-lhe ensinado que estar direito não era apenas um alinhamento de vértebras: era também enfrentar os abalos da existência sem se deixar vergar.

Esses abalos, precisamente, pareciam intensificar-se. E, como que para lhe dar razão, o planeta conheceu a sua própria sessão de *«manipulação forçada»*: fez uma paragem na estação *«Covid»*, como um corpo obrigado à imobilidade.

Os governos, como quiropráticos hesitantes, tentaram endireitar um sistema encurvado, injetando milhares de milhões nos seus músculos fatigados, sem nunca relaxar os verdadeiros pontos de tensão.

T. via aí a confirmação de um princípio que Heng lhe repetia incansavelmente: antes de corrigir, é preciso compreender onde está o bloqueio. Essa ideia tinha guiado, por vezes sem que ele próprio se apercebesse, todas as etapas decisivas da sua carreira.

Essa pausa, insignificante em aparência, transformou-se diante dos seus olhos num símbolo poderoso. Um lembrete de que a lógica e a ordem são por vezes apenas ilusões efémeras.

T. já imaginava o meio-sorriso tranquilo de Heng, aquele que mostrava quando achava que as pessoas se complicavam por nada. Ele teria encontrado o ponto preciso onde tudo bloqueava e, com um gesto seguro, teria devolvido flexibilidade ao conjunto. Mas agora, aquela mão capaz de restabelecer o equilíbrio já não estava lá, e a espinha coletiva curvava-se um pouco mais a cada dia.

A morte inesperada do seu quiroprático cavava um vazio brutal.

Heng não se limitava a reparar-lhe as costas: entre duas manipulações, falava-lhe de postura — não apenas física, mas existencial. Tinha-o encorajado, no início da sua carreira, a observar antes de agir. Esse conselho tinha mudado muito mais do que a sua forma de trabalhar: tinha moldado a sua maneira de se colocar perante os outros.

Ao levantar os olhos para a atualidade, T. reencontra essa mesma vertigem. O mundo parece lutar contra si mesmo: um conflito às portas do velho continente, outro no coração de África, igualmente mortífero, mas quase invisível. Entre guerras esquecidas e influenciadores autoproclamados profetas, o planeta abandona-se a um niilismo ruidoso e oco, incapaz de reencontrar o seu eixo.

Heng repetia-lhe muitas vezes que *«é preciso, por vezes, aceitar dobrar, mas nunca quebrar»*. Essa frase, em aparência banal, regressa-lhe como um diagnóstico universal. O mundo, também ele, vacila como um corpo fatigado: conflitos, crises, desequilíbrios… Os abalos já não vêm apenas dos nervos ou dos músculos, mas de povos e de nações inteiras. A vertigem é a mesma, quer se trate de umas costas em sofrimento, quer de um planeta à beira do colapso.

E enquanto as bombas caem algures, noutro lugar, os olhares fixam-se nos ecrãs. A atenção desvia-se do real para se perder num teatro onde o drama não passa de um cenário intercambiável.

O culto da celebridade ocupa então o espaço mediático, dando origem a monstros como o TikTok — nome que T. continua a

achar tão *«estúpido»* como sempre. Nesses universos, as aparências bastam para erigir ignorantes em prescritores, e segue-se a palavra de néscios tornados célebres — eis chegado o tempo dos novos apóstolos.

A viragem para o consumo instantâneo opera-se, assumida. A busca pela satisfação imediata impera; pouco importa a sua duração, desde que seja intensa. Mas seguir um idiota nunca torna ninguém inteligente.

Hoje, alguns habitantes do nosso belo planeta, globo agonizante, já não se parecem com nada. Embora o acesso à informação pareça infinito, a nossa memória rivaliza com a dos peixes-dourados. Os rostos das mulheres maduras tornam-se o terreno de jogo da indústria estética. Para combater em vão os efeitos do tempo, acabam por se parecer com garoupas: lábios inchados, pele esticada até ao esquecimento. O mito do idêntico diferente. Ir sempre mais longe, custe o que custar.

Detestar esta época significa necessariamente ser depressivo? T. não o acha. As palavras do seu quiroprático ainda ressoam nele como um mantra: *«Somos seres complexos. Tu és complexo. Aceita os teus defeitos para fazer crescer as tuas qualidades.»*

Manter-se de pé neste mundo — literal ou figurativamente — exige aprender a observar antes de agir. E é precisamente essa lição que guiou T., não apenas nas suas escolhas pessoais, mas também no seu percurso profissional.

Nos últimos anos, T. segue à letra esses conselhos. Gosta do seu quotidiano. Desde muito jovem, queria deixar o liceu para mergulhar na vida ativa. Queria sentir o que fazia os adultos

duvidar e vibrar, a excitação de exercer responsabilidades, de ganhar um salário e de fazer o que quisesse com o seu dinheiro.

À beira dos cinquenta, um Rolex vintage no pulso, ele *«tem sucesso»*, como diria Jacques Séguéla. Ocupa um cargo invejável no setor da consultoria.

Antes de se tornar consultor júnior, T. começa por servir cafés, por não ter o nível de estudos exigido.

Durante doze meses, decifra os códigos desse universo discreto e fechado. Escuta atentamente as conversas entre empregados e gestores de equipa, decifrando pacientemente as suas manias, os seus hábitos. Dominando duas línguas, observa facilmente os maiores gestores estrangeiros, compreendendo assim as subtilezas do ofício. Nada de muito difícil, no fundo: tudo assenta num conhecimento preciso dos dossiês, alimentado por uma preparação intensa. Com a Internet, todas as informações úteis — e inúteis — permanecem ao alcance da mão; basta aprender a fazer a triagem.

Sem qualquer bagagem técnica nem académica, T. lança-se ao assalto desse Evereste, fazendo scroll de ecrã em ecrã, dia após dia — um trabalho de titã. Ágil e reativo, T. não perde tempo. Entre duas fotocópias, vai-se formando, recolhe dados em ficheiros Excel, decifra-os e analisa-os. Dedica um cuidado extremo aos métodos. Observa minuciosamente os candidatos durante as entrevistas: a postura, a roupa. A maioria não tem qualquer presença: rostos ainda adolescentes, fatos mal ajustados, gravatas baças. Quando a diretora de recursos humanos os recebe, parecem um rebanho de carneiros a caminho do matadouro. Os que se destacam tornam-se imediatamente reconhecíveis.

A ideia de T. é aceitar as regras para melhor as contornar, diferenciar-se, escapar-lhes e tentar a sua sorte. Num mercado de trabalho selvagem e desregulado, os estudos, por si só, já não abrem necessariamente portas. Para além de uma formação de excelência, pede-se agora aos candidatos que falem dos seus hobbies, das suas paixões, das suas vontades. Mas, para todos os pretendentes que passam a vida a estudar e a matar-se em empregos miseráveis apenas para sobreviver, é bem difícil ter uma paixão.

T. sabe que o seu perfil atípico lhe trará problemas, mas pensa que, ao destacá-lo, pode acender a faísca na mente da DRH. Cruza-se com ela todas as manhãs; também ela tem uma vida de merda. Só pelas entoações e pela forma de dizer bom dia, adivinha se passou uma boa ou uma má noite. Por vezes, apanha ao voo as suas conversas telefónicas. Será o marido do outro lado da linha? Não sabe, mas analisa suficientemente a voz da quadragenária para reconhecer o seu humor. Sabe que uma reestruturação pode mandá-la para a rua, obrigá-la a inscrever-se no centro de emprego. Recruta pessoas, mas, à sua idade, sabe que está sentada num assento ejetável.

Sempre na vanguarda das evoluções do mercado de trabalho, custa-lhe conter a concorrência que lhe bate à porta: essa juventude armada de insolência, sede de conquista e audácia, sem fé nem lei.

Cruel e impiedoso, o mundo da empresa destila dúvidas, pressões e constrangimentos. Ela conhece melhor do que ninguém as suas consequências diretas e indiretas. Demasiado jovem para a reforma, mas demasiado velha para o seu posto, sabe-se em perigo. Já adepta do ácido hialurónico, chega mesmo a ponderar um

lifting, convencida de que ela, sim, saberá evitar o rosto congelado de algumas colegas. T. adivinha esse medo no olhar dela.

Continua a servir cafés e a calar a boca; o melhor posto de observação. Até que descobre, na intranet da empresa, que está a decorrer um recrutamento. Aproveita a oportunidade e consegue o lugar, ultrapassando todos os outros candidatos, uma coorte de idiotas alimentados pelos dogmas das grandes escolas. T. transforma os seus defeitos em qualidades, respondendo às expectativas da direção com brio e reflexão. O seu trabalho de observação dá frutos. Sente a adrenalina invadi-lo quando se instala pela primeira vez no seu gabinete. A sua linha direta, o seu cartão de visita, a sua secretária: aos vinte e três anos, sente-se pronto para conquistar tudo e fazer chover dinheiro. Quando T. se mantém direito na sala de reuniões, lembra-se de Heng: não era apenas uma questão de costas, era uma maneira de habitar o espaço.

Doze meses após a contratação, T. faz maravilhas no antro do capitalismo. A sua empresa acumula lucros, os seus bolsos engordam tão depressa quanto a sua ascensão. Gasta com largueza, sem nunca se esquecer de investir uma parte dos ganhos. A sua equação é simples: um euro gasto, um euro amealhado. Sabe que tudo pode ruir. Tal como num jogo de roleta russa entre dois alcoólicos, nada o protege.

Aproveita cada instante, mergulhando de braços abertos nos meandros do êxito social. Sabe que em breve jogará mais alto: espera-o um cargo internacional importante. O combate será sangrento, mas sente-se pronto para partir tudo, mesmo que a sua queda possa ser tão fulgurante quanto a sua ascensão. A ambição

é desmedida, o coração pulsa ao ritmo das suas corridas frenéticas nas passadeiras do ginásio.

Quando chega a decisão da direção, T. não dramatiza. O seu perfil não é selecionado; é escolhido um herdeiro mais natural, filho de boa família, com um pedigree menos divisivo. Fica T. ofendido? Está-se nas tintas. O capital acumulado garante-lhe um excelente rendimento. Os seus investimentos judiciosos permitem-lhe, mesmo sem trabalhar, ganhar dinheiro. *«Vão todos levar no cu»,* pensa. *«Vou propor os meus serviços em freelance, a vocês e a outros, e não terei de aturar diariamente as vossas caras de lixo doméstico.»*

Essa recusa é o melhor que lhe acontece. Sem se limitar a uma única sociedade de consultoria, torna-se ele próprio uma empresa. Trabalha com quem quer, quando quer e como quer. Quando escreve o último e-mail aos membros da sua equipa e apaga o seu perfil profissional, pensa nos meandros do destino. Do lado certo do jogo, os bolsos cheios de stock-options, já quase não precisa de trabalhar.

Ainda assim, a antiga DRH volta-lhe à memória, despedida manu militari, com as indemnizações legais como único paraquedas dourado. Os excessos da cirurgia estética transformaram-lhe o rosto, agora congelado e disforme, impedindo qualquer expressão. T. tem toda a vida pela frente. Mas ela? Difícil para ela transformar os fracassos em vitórias, como ele acaba de fazer. Sabe, contudo, que naquele sistema, a fronteira entre o seu êxito e a sua queda permanece ténue, tão fina quanto aquela que ela atravessou.

T., esse, olha em frente. Ela, para um espelho deformante. Dois destinos, um mesmo sistema. E o tempo, como último DRH universal, decide sem apelo.

Surpreende-se a querer escrever a Heng, contar-lhe essa vitória irónica. Mas a mensagem ficaria sem resposta. T. teria querido dizer-lhe que seguira o seu conselho até ao fim: observar, depois agir.

Então cala-se, deixando o vazio responder em seu lugar.

CEO

Ele deixou tudo, conquistou tudo — e, no entanto, uma falta paira, discreta, teimosa. Esse vazio que por vezes se sente quando a batalha já está ganha, quando a adrenalina desce e os troféus alinham-se, mudos.

Depois chega setembro. Suave. Ensopado de sol. Um verão tardio como um bálsamo. Na sala, The Weeknd escapa das colunas, a voz quente e turva. T. adora esse tipo: o filho bastardo e genial de Prince e Michael Jackson, segundo ele.

Lá fora, a luz desenha degradés subtis: violeta, esmeralda, azul Klein. Vive-se bem, no sul da Europa. O dia começa como os outros, calmo e dourado, até que uma revista fica esquecida no balcão da cozinha. Becks na capa. Mais uma. Uma publicação de gestão, séria, de difusão internacional.

Ele fixa a fotografia um instante, hipnotizado por aquele olhar de predadora que conhece de cor. E depois, quase sem querer, surge-lhe um sorriso. Não de orgulho ostensivo — antes um

reconhecimento mudo. Também a amou por isso: essa maneira de nunca baixar os olhos.

Ao pousar a revista, lembra-se da primeira vez em que a viu — não presa numa foto, mas em movimento, naquela sala de reuniões onde o ar já vibrava de tensão.

A casa soa oca desde que os gémeos partiram para estudar nos Estados Unidos. Já há anos. O eco das suas vozes extinguiu-se, mas a partida deixou espaço. Espaço para outra coisa. Para repensar o início.

*

* *

Já há alguns anos, T. navegava como trabalhador independente, florescendo nesta nova vida que escolhera para si. Perto dos trinta anos, escalara os degraus com uma facilidade desconcertante, encontrara pelo caminho uma infinidade de rostos novos, tecera laços efémeros, mas significativos. Essa existência em freelance tornara-se a sua obra-prima, orquestrada com a precisão de uma sinfonia.

Face ao percurso realizado, tortuoso, salpicado de êxitos tanto como de fracassos, nunca se queixava do resultado. À sua volta, um punhado de jovens arrojados, vivos e brilhantes, capazes de se atirar a um problema como quem se atira à água. Bem rodeado, conquistara novos clientes, abrira mercados e consolidara a sua atividade. Ultimamente, aceitara uma missão bem remunerada e muito interessante: devia durar seis meses e enquadrava-se

exatamente no seu campo de atuação. Tratava-se de pôr mentes diferentes a dialogar, traçar um caminho claro no meio do nevoeiro, implementar as ferramentas certas para que todos avançassem no mesmo sentido. Um trabalho a meio caminho entre vários mundos — complexo, exigente, portanto apaixonante.

Foi durante uma reunião de trabalho em que os espíritos se exaltavam, as ideias fervilhavam e todos os problemas eram postos em cima da mesa que Becks entrou na sala. Os colaboradores de T., tão frequentemente alegres, joviais e turbulentos, calaram-se e mudaram abruptamente de atitude.

A sua chefe de equipa, quase exclusivamente absorvida por reuniões e outros comités estratégicos, decidira passar por aquela sala para ver o célebre consultor em ação.

Ao vê-la entrar, uma frase de rap voltou-lhe à cabeça, brutal e divertida, como feita à medida para ela: *«Entro a disparar, sem epidural…»* T. sentia que também ela não fazia cerimónias. O olhar, de uma autoridade natural — não a fingida, imposta por um pedigree — apanhou-o de frente.

— Bom dia, sou Rebecca Santos, chefe de operações e responsável estratégica do desenvolvimento.

— T., consultor independente — disse ele, cravando os olhos nos da chefe.

Já lhe tinham falado muito dela. Uma mão de ferro, um humor seco, uma agenda de ministro. A Margaret Thatcher local, ao que diziam.

Ele mal podia esperar para confirmar. Decidira ir para cima dela, como um boxeador ataca um saco de pancada. Era um teste.

No fundo, aquela missão não passava de mais um desafio. Perdê-la não poria as suas finanças em risco. Provocava-a para ver de que era capaz. Iria ela morder o isco?

A armadilha montada por T. resultou. O *«crush»* entre eles foi imediato. Para grande espanto da equipa, Becks soltou uma gargalhada. Sentou-se à mesa e a reunião prosseguiu. Terminou num arrastar de cadeiras. Enquanto ele deslizava as notas para dentro da pasta, sentiu uma sombra aproximar-se.

— Diga-me, em que número posso contactá-lo?

A voz dela era mais baixa do que ele imaginava, quase cúmplice.

Tinha aquele ligeiro vinco no canto dos lábios que se adivinha antes de um beijo. Os ombros, relaxados, a atitude de repente descontraída, conferiam-lhe imediatamente um charme suplementar. Ela estava a seduzi-lo abertamente, sem complexos.

Ele pediu-lhe o telefone e gravou o seu próprio número sob o nome T. Consultor. Tentou desviar os olhos do corpo talhado por horas de pilates, da linha esguia, do olhar penetrante, da pele de veludo. A maquilhagem discreta envelhecia-a ligeiramente: uma forma de esconder a juventude, para melhor afirmar a autoridade no seu meio profissional. Quem se escondia por detrás dessa máscara?

Misteriosa, secreta, sombria, a sua vulnerabilidade não transparecia. O tom bronzeado denunciaria origens africanas? Seria ela também meteca, como ele? Mas T. já sentia que ela escondia um cansaço antigo, uma armadura polida pelas batalhas.

A química foi imediata. Nessa mesma noite, encontraram-se à mesa, o vinho alongando as frases, os olhares apagando o resto do mundo. Mais tarde, na escuridão, os corpos encontraram-se como

se se reconhecessem desde sempre. E, no entanto, algo mais complexo vibrava sob essa simplicidade.

Sentiu-o desde os primeiros minutos: ela não era uma aventura, mas uma trajetória. Mesmo que a ideia de se tornar um dia mãe dos seus filhos lhe parecesse, no momento, quase ridícula, quase novelesca — não a rejeitou.

Com Becks, tudo parecia possível. E, sobretudo, tudo parecia urgente. Ela parecia inabalável, e no entanto, no calor daquele silêncio a dois, T. percebia um desgaste discreto, polido pelos anos — aquele que se esconde sob o controlo perfeito.

Não se tratava apenas de desejo. Era um encontro entre duas potências de fogo, duas fomes de vida que se reconheciam.

A história deles não tardou a ficar gravada no sulco: dois anos mais tarde, nasciam os falsos gémeos. Ele lembrava-se ainda da pequena mão do filho a apertar-lhe o dedo na maternidade, e do grito agudo da filha que fizera Becks rir apesar da exaustão. De pele café com leite, olhos amendoados, vieram ao mundo com as mesmas armas que os pais. A malícia transpirava-lhes nos rostos.

Já adolescentes, decidiram sair juntos de casa. Curiosos de tudo e ansiosos por descobrir o mundo e as suas ruidosas contradições, os gémeos quiseram rapidamente aprender outras línguas, conhecer outros países e outras culturas. Deixaram o ninho como quem salta de um avião: com excitação, instinto e uma confiança cega no paraquedas familiar. Lá fora, a tempestade já rugia — mas eles queriam voar.

Vertigo

T. precisa de S. como ela precisa dele.

Devorado pela vertigem, pelo desejo e pela embriaguez, sente-se engrandecido através do olhar estonteante dela, desejado e desejável. Todos a querem, todos a devoram, todos a olham, mas ele não quer saber. Ele acredita reconhecê-la. As mesmas fendas, os mesmos delírios, o mesmo humor negro.

Uma perversão quase cúmplice.

Não mentir mais, ser honesto, eles sabem, é isso que os liga. Inventar uma relação impossível, essa é a sua missão. Dois mentirosos juntos anulam-se, já não têm nada a esconder. Mesmo vestidos, estão nus; mesmo nus, estão vestidos. Nadam no ridículo. O cúmulo é que sempre souberam disso, desde o primeiro minuto do encontro. No instante em que os seus olhares se cruzaram.

T. sempre fingiu, sempre representou. A mentira tornou-se a sua armadura. Navega e joga com as aparências. Mente para se

proteger dos outros, para preservar aquela parte de inocência que lhe dá força para respirar e continuar entre os vivos. O cheiro a café frio regressa-lhe, o das manhãs em que inventava um sorriso para enfrentar o mundo. Viver como os animais seria tão mais simples: ser mamíferos, viver em clã, obedecer ao mais forte. Uma relação dominante-dominado, a força do grupo para enfrentar tempos de crise. Com S., reencontra esse instinto. Cru, direto, sem rodeios.

A nossa consciência veio desregular o conjunto dos nossos comportamentos. Irritamo-nos em família, irritamo-nos entre amigos, irritamo-nos em sociedade. Amamo-nos, odiamo-nos, e o nosso cursor deve encontrar o ponto certo no meio deste caos. Então, com todas estas tretas, é difícil sermos honestos, sermos verdadeiros, sermos nós próprios. Procuramos compor-nos para nos adaptarmos ao outro, para o compreender, para o seduzir, para casar, para acasalar. A vida é uma composição sinfónica.

Alterna os crescendos e os decrescendos.

Brincamos ao ioiô como miúdos ranhosos num recreio.

Uma persiana bate ao longe. Pancada seca. Silêncio.

E neste jogo permanente de adaptação, ele pergunta-se: terá sido alguma vez honesto na sua vida? Terá sido sempre honesto nas suas relações? Já terá conhecido um tal choque elétrico? Essa necessidade de tudo explodir, tudo expulsar, como um desportista individual que vence uma competição após um jogo difícil? Se olhar pelo retrovisor, sabe que mente a si próprio. Mas T. já quer avançar. Apesar da fissura da infância, essa espada de Dâmocles sobre a sua cabeça. Quando cairá a sentença? Quando aceitará esse gosto pelo abismo?

T. é sugado como um apneísta para o fundo do mar. E a subida arrisca-se a ser delicada — nunca a salvo de uma síncope ou de um edema pulmonar.

Vive um sismo sentimental, um naufrágio total.

S. já mergulhou nas suas falhas, tocou com o dedo as raízes dos seus tormentos. Talvez um dia decida afastar-se, preservar-se. Se assim for, T. aceita sem rancor. A vida é isso, um puzzle de instantes que se partem e se ligam, entre cicatrizes profundas e explosões de euforia. O verdadeiro desafio consiste em encontrar esse equilíbrio frágil, aquele que nos distingue do animal, que nos eleva à condição de humanos.

Por vezes, basta uma faísca: incendeia tudo, desencadeia uma tempestade ou apaga-se na indiferença. T. está a meio caminho, oscilando entre dois mundos, nem deprimido, nem apaziguado, mas assombrado por uma deriva interior, um pêndulo mal ajustado. Talvez seja por isso que esta viagem tudo abalou: fez ranger o pêndulo. Este tête-à-tête funcionou como uma catarse. Falar com S. é baixar a guarda, depositar as suas verdades sem filtro nem rodeio. Diante dela, a mentira torna-se impossível, inútil.

Essa vertigem que sente com S., não a descobriu com ela. Sempre a trouxe consigo. Desde os corredores estreitos da sua infância, entre uma mãe exausta e um pai esquivo.

T. reivindica-se homem, em tudo o que esta definição contém de contradições: ao mesmo tempo frágil e resistente, cheio de dúvidas, mas sustentado por um orgulho bruto, o de um caminho arrancado à adversidade. Não precisa de negar os sentimentos que o atravessam; acolhe-os, observa-os, decifra-os.

De onde vem, a vitória nunca foi um dado adquirido. A mãe, silhueta curvada em apartamentos desconhecidos, limpava os restos dos outros. O pai, uma guitarra gasta nas mãos, tocava baladas tristes em bares desertos. Essas imagens povoavam a sua infância, moldavam os seus sonhos, mas T. nunca se resignou.

Está ali, vulnerável e ainda assim de pé, consciente do que conquistou, do que perdeu. O peso do passado já não o sufoca, habita-o.

T. reconhece em S. um eco de si mesmo.

Essa chama que ele encontrou nos olhos dela, uma faísca vibrante, uma raiva de vencer que não deixa espaço para ingenuidade. S. avança como ele, movida por uma sede de reconhecimento, moldada por batalhas que travou sozinha. Começou cedo, multiplicou as horas de trabalho e aguentou afrontas. Quantas vezes teve de cerrar os dentes perante olhares condescendentes, comentários deslocados, portas batidas na cara? Neste mundo em que as ambições femininas incomodam, ela não cedeu.

T. admira-a sem reservas. Ela improvisa, ajusta, desliza entre as falhas, camaleão que se molda ao ambiente do momento para melhor se adaptar. Nela, tudo respira liberdade e força bruta. Gostaria de lhe agradecer, dizer-lhe quanto a sua chegada abalou a sua existência, explodiu as suas certezas, varreu as suas escolhas como um vento violento que tudo leva no seu caminho. Graças a ela, já não flutua nos hábitos; respira, sonha, age.

S. não calculou nada, e é precisamente essa espontaneidade que o abala. Ela oferece-lhe um caos magnífico, uma loucura pura, desprovida de máscara ou estratégia. E se isso exigisse um preço,

se a sua alma tivesse de se desgastar, pouco importa. Tudo o que conta é esse fogo que arde dentro, essa energia que o ergue todas as manhãs, que aguça a sua vontade de traçar um caminho fiel aos seus valores, ao mesmo tempo que flerta com o inesperado.

*

* *

O seu avião sobrevoa o arquipélago das Baleares, onde tinha ido na juventude. A vontade de lá voltar com ela invade-o. Ir ao encerramento da temporada das discotecas em outubro. Já se vê na praia com S., e os olhos dos turistas fixos no corpo de deusa dela.

Sonha com isso à noite.

Quer que ela saiba que as semanas decorridas desde o encontro se contam entre as mais ricas dos últimos anos. Era o fim do confinamento. Os filhos e Becks tinham partido, a vida tinha retomado o seu curso. No entanto, tinha-se sentido só e vulnerável. E S. chegou. Apesar do coração em farrapos, a sua alma saiu mais forte, mais poderosa e mais determinada do que nunca. Uma energia inesgotável corre-lhe agora nas veias.

Adoraria continuar a abrir novos capítulos com ela, nas margens do Mediterrâneo ou do Adriático. Onde ela quisesse. Fundir-se nas ruas e na multidão, misturar-se com os anónimos.

Sabe que tudo pode parar num instante.

Então fecha os olhos.

Mergulha de novo. Como no primeiro olhar.
O ar já lhe falta, mas não sobe.

Ping Pong

Os encontros deles teceram-se em segredo, por intermitência. S., densa e enigmática, tornou-se a sua confidente involuntária. Decifra a vida de T. como um livro aberto. A relação deles, estranha e ambivalente, prolonga-se já há vários anos e encaixa-se harmoniosamente na flexibilidade dos seus horários.

S. assombra-o. Algumas noites, a sua lembrança toma a forma de pesadelo. Aquele mesmo que nos fazia molhar os lençóis na infância, que nos guiava para a cama dos pais. O mesmo terror que nos fazia estremecer na adolescência diante de Freddy Krueger e da sua camisola às riscas. A inocência da infância, reativada e amplificada por S., assume uma forma desagradável, traiçoeira, espinhosa, acidentada.

Deitada nua de costas, S. deixa-se levar. As mãos quentes e magnéticas de T. subjugam-na. Sente a pressão de cada dedo, deslizando sobre o seu corpo. De olhos fechados, interroga-se sobre como tinha chegado ali, à mercê de T. Deseja-o aqui e agora, pronta para ser possuída, repossuída, devorada. Quando T. desliza

as mãos entre as suas coxas, ela deseja-o. Pronta para se soltar, para se fundir, para se perder, para o aniquilar.

S. conhece o perigo, mas entrega-se a ele. Sabe que T. tem esse poder raro: adivinhar as suas falhas e tocá-las de leve até se tornarem desejo. Deitada de bruços, com os seios colados ao colchão, deixa-se levar. Mas T. não tem pressa, as mãos a roçarem delicadamente a curva dos seus seios.

Quando T. lhe sussurra ao ouvido: *«Adoro o teu peito, os teus seios são perfeitos*», S. derrete como gelo no deserto. Quer tê-lo todo na boca, o sexo potente na garganta, engoli-lo por inteiro mesmo que se asfixie ali, já, agora. *«Vem na minha boca, T., agora.»* Como a nádega esquerda e a nádega direita de um cu, são indissociáveis.

O contacto dos mamilos dela, tensos e reativos sob os seus dedos, faz subir em T. uma tensão selvagem.

Nada de artificial: apenas carne, sangue, a verdade de um corpo de mulher que já deu vida e em que cada nervo vibra de intensidade. Sem parasitas como implantes, apenas doçura. S. respira naturalidade. A sua pele âmbar tem a cor do pecado original. A sua epiderme, tão suave como a de um bebé, desliza sob as mãos de T. Ele sente cada milímetro enquanto a visão das suas nádegas perfeitas o assalta. Um raio acaba de o atingir; um abalo de uma violência sísmica sem igual, o maremoto da paixão devastadora. Aquele que te faz enviar SMS e WhatsApp a horas impróprias, que te faz escrever que sem o outro já não és nada, que te transporta para um universo onde as regras são abolidas. Aquele que te faz penetrar num mundo de prazer raramente alcançado. Aquele que te faz sentir único. Aquele que te faz perder

a razão. T. deseja-a de forma inocente, quase pueril; o seu desejo torna-se visceral e hipnótico.

Então, quando ela o toma na boca, os seus corpos incendeiam-se. Encaixam-se como feras no cio, pois sabem ambos que a sua sintonia, tão rara e preciosa, não será mais do que um episódio fugaz da vida deles. Ele possui-a como se estivessem sozinhos numa ilha deserta, onde o tempo já não tem importância, onde seriam apenas um.

Mas o tempo acaba sempre por retomar os seus direitos.

Algumas horas depois, sozinho ao volante, T. sente a atmosfera contemplativa de *Lower…* de M83 impregnar o habitáculo, fazer vibrar as colunas e desfilar os instantes passados a dois. Uma lágrima, de sabor salgado, cai do seu olho direito, suave e contínua, humedecendo os seus lábios. Detesta essa sensação de vulnerabilidade, mas gosta tanto desse prazer quanto o amaldiçoa. Um prazer que nasce e se amplifica no mais profundo de si. A paixão vive-se ainda mais intensamente quando não tem saída.

O seu coração estremece. Descola-se do peito tão ferozmente quanto o monstro de Alien. Vê-o jazente, agonizante, a bater a um ritmo superior ao emitido pelas colunas de uma *free party* selvagem. Depois, devagar, imagina-o a extinguir-se como um doente em fase terminal.

E, no entanto, milhares de mulheres mais jovens, mais belas, mais radiantes do que S. existem. Para tentar esquecer S. — ou talvez para sabotar definitivamente a sua relação com Becks —, T. aventurou-se nos braços de outras mulheres. Corpos perfeitos, lisos e calibrados, com seios erguidos como promessas sob a luz,

peles acetinadas, perfumes delicados que flutuam no ar como confissões. Eram irrepreensíveis, até na curva dos lábios, até no alinhamento dos gestos.

Mas faltava-lhes algo.

Aquele *«je-ne-sais-quoi»* perturbador, quase inquietante, que arde no olhar de S. Essa subtil mistura de desconfiança, de ironia e de crueldade. Um brilho de maldade quase velado, um toque de sadismo na pupila. T. percebeu-o desde o primeiro encontro, como um aviso silencioso. Esses atributos, que poderiam ter parecido tão incongruentes face à sua beleza bruta e natural, enfeitiçavam-no. Sentia-se atraído, inexoravelmente, como se a sua alma inteira buscasse essa vertigem.

Com S., não era apenas uma questão de carne, nem sequer de dominação. Era esse fio esticado entre eles, essa tensão quase dolorosa, que o trazia sempre de volta a ela.

Intoxicado pelos sentidos, T. mergulhou no vício e na luxúria.

«Morde-me, adoro isso, T. Sentir os teus dentes nas minhas nádegas é ainda melhor. Adoro sentir dor, quero que me marques, ter-te na pele.»

Assim que se apaixonou por ela, soube que doeria. Sem cenário favorável, sabiam que a história deles não acabaria bem.

S. segura T. na palma da mão. Ele está vulnerável, à mercê dela, K.O. de pé.

Família

E depois houve aquele parêntese. Esse estranho parêntese em que o mundo inteiro parou, em que os corpos regressaram ao essencial. Em casa. Às raízes.

«E acho isso menos aberrante do que o circo em que se tornou a família – pelo menos os meus pais não contavam connosco para se sentirem bem, nem para preencher não sei que vazio identitário. Hoje as crianças foram convertidas em acessórios essenciais para a boa imagem dos progenitores.»

Virginie Despentes | *Cher Connard.*

Enquanto o mundo inteiro se preparava para viver em autarcia, os gémeos aproveitaram as férias para vir visitar os pais. Felizes com a presença deles, Becks e T. organizaram uma estadia de alguns dias na sua casa da praia. Tinham conseguido conciliar os seus calendários sobrecarregados. Nas notícias, falava-se, ainda apenas, de uma gripe que devastava a China. Parecia tão distante, dada a agitação frenética que reinava nas ruas de dia e de noite.

Numa manhã de fevereiro, T. levou Becks ao aeroporto e pôs-se a imaginar a cidade bloqueada, os restaurantes fechados, os aeroportos com tráfego limitado, enquanto aviões descolavam e aterravam a cada minuto. Viver-se-ia um desastre económico. Essa realidade parecia-lhes longínqua e improvável e, no entanto… Quando em meados de março viram a cidade encerrar-se e surgirem medidas de restrição, ficaram estupefactos.

Colados em frente à televisão, não queriam acreditar. Os filhos ficariam presos na casa. Quanto à vida profissional deles, as viagens foram sendo anuladas uma após outra. Para T., que vivia de consultoria em empresas, a situação complicava-se. Para Becks também.

Ao mesmo tempo, T. alegrava-se de ter os gémeos consigo: havia séculos que não passavam um momento os quatro juntos, em família. Uma noite, observou-os, cada um atrás do seu ecrã, a trocar mensagens com os amigos ao mesmo tempo que partilhavam a refeição familiar. Pensou que era esse afinal o paradoxo da época: ligados como nunca, pareciam, contudo, mais distantes uns dos outros do que jamais tinham estado.

Devidamente munidos das autorizações necessárias, pegaram no carro para irem para a casa da praia, mesmo a tempo, antes que deixasse de ser possível circular sem ser controlado. A residência tinha ficado pronta alguns meses antes. Era imensa, perdida no meio do pinhal, da alfazema e da natureza bravia. A piscina aquecida erguia-se no meio das acácias e dos pinheiros, que refletiam a luz do sol em salpicos dourados. Grandes suítes e uma enorme sala compunham o corpo da casa. Não se iriam atrapalhar uns aos outros, isso era certo! Para se manterem em forma, podiam usar a passadeira e as máquinas de musculação do ginásio com

vista. Em baixo, a praia selvagem, onde o estrondo das ondas se ouvia até à casa, estendia-se por quilómetros sem qualquer construção em frente. Um convite para caminhar com os pés na água do oceano revolto.

Fechados os quatro, iriam usufruir do verdadeiro luxo: o espaço e o silêncio, bem longe dos apartamentos citadinos de superfícies minúsculas. A vida tem este lado injusto de separar os homens. Talvez os gémeos se desentendessem… como nessa manhã em que Aline acusou Mathéo de monopolizar a ligação para as aulas quando, na verdade, ele estava a ver às escondidas o resumo de um jogo. Dez minutos mais tarde, estavam a preparar juntos um bolo, a rir como quando eram crianças.

Ia longe o tempo da inocência, quando, de cabelos despenteados, vinham aninhar-se contra o peito dos pais para partilhar um sonho, um pesadelo ou simplesmente estar ali. Partilhar as alegrias, as dores, as dúvidas e as tristezas, esse amor puro e sem contrapartidas. Protegê-los do caos que reinava lá fora. Apesar das agendas sobrecarregadas, Becks e T. tinham sempre encontrado tempo para estar ao lado dos filhos, servir-lhes de modelos e de referências. Discussões? Sim, era preciso de vez em quando fazê-los ouvir a voz da razão, mas também incutir-lhes os valores da família e da partilha. *«Vocês são privilegiados, mas a vida não é assim tão fácil para toda a gente.»* Ensinar a serem autónomos, a nunca depender de ninguém, mas dar-lhes as chaves para saber reconhecer o parceiro ou a parceira que os faria crescer.

As videoconferências sucediam-se a um ritmo frenético: o colégio para os filhos e o trabalho para os pais. Cada um diante do seu computador portátil ou do seu tablet seguia a vida à distância.

À noite, reuniam-se em volta da mesa da sala de jantar para longos jantares durante os quais discutiam sobre essa situação tão irreal. O lume da lareira aquecia o frio seco de março, destilando calor e conforto.

A humanidade vivia um dos seus acontecimentos mais intrigantes e fascinantes.

O homem queria mais uma vez desafiar a morte, mas não estava preparado; os governos confinaram as populações por não estarem devidamente preparados para enfrentar essa ameaça invisível. T. abanou a cabeça. Em pleno século XXI, pensava, deveria ter-se feito melhor. Em certos lugares do mundo, os mais frágeis tombavam como moscas, as pessoas perdiam entes queridos sem sequer poderem abraçá-los uma última vez. Uma verdadeira lotaria sem regras nem valores fazia a ceifeira andar a todo o gás.

T. aproveitou cada minuto desse mundo paralelo, onde o céu, liberto das emissões dos aviões, brilhava com mil luzes, onde o eco do silêncio ressoava nas ruas sem transeuntes. Aproveitou ao máximo a presença dos gémeos, desenhando e redesenhando os contornos desse mundo tão complexo e ambíguo. *«Becks, eu sou feliz quando estamos nós os quatro sem nada que nos distraia, apenas nós, a nossa família e esta incerteza do amanhã.»* Mal sabia ele o quanto tinha razão: os filhos iriam definitivamente deixar a casa paterna no final de julho.

O fim do inverno trouxe um perfume de liberdade. Os filhos contavam os dias. T. também, mas não pelas mesmas razões: ele sabia que cada nascer do sol aproximava a partida dos filhos.

Os serões, mais longos, acompanhavam o início do levantamento das restrições, tornando os últimos dias ainda mais saborosos. Foi uma felicidade imensa poder partilhar aqueles momentos em família à volta da lareira. Becks e T. tinham aproveitado para se reencontrar sob os lençóis.

As peles tinham mudado desde o primeiro encontro, o peso da idade fazia-se sentir, mas cuidavam dos seus corpos, alimentavam-se de forma saudável e praticavam uma atividade física diária. Quando T. terminava uma videochamada, aproveitava para observar atentamente a mulher que, ela também, tinha os olhos fixos no computador todo o dia. Achava-a bonita, sedutora, e além disso estava disponível ali, mesmo ao lado. Mas as ocasiões para estarem a sós eram raras; por isso, quando se encontravam no duche ou debaixo do edredão, o fogo não se apagava.

Muito pelo contrário! Gostavam de fazer amor. Alguns preliminares, mas não demasiados. Sabiam do que o outro gostava para alcançar a fonte do prazer, esse momento tão íntimo em que nos abandonamos durante instantes transidos de prazer e doçura.

O fim do confinamento aproximava-se e o silêncio voltaria a ocupar cada recanto da casa, pois os filhos preparavam-se para ingressar nos colégios no estrangeiro.

Os aviões voltavam a descolar e o mundo retomava o seu quotidiano feito de trocas globais e intercomunicações instantâneas. O que tinha a nossa geração aprendido com este parêntese? Seríamos capazes de retirar daí as consequências e os ensinamentos?

Repetiria a humanidade os mesmos erros?

T. e Becks duvidavam.

A experiência ensinara-lhes que não se mudam as pessoas. Mas o efeito de grupo funcionava: a sociedade paria novos fenómenos que depois entravam no dicionário, como o *MeToo* ou o *wokismo*. T. observava os feeds de notícias a desfilar. Aqui, toda a gente tinha uma opinião. Tudo, imediatamente. As redes sociais tinham derrubado as barreiras, mas também a paciência. Dizia para si que, doravante, era preciso andar sobre uma corda: dizer sem dizer demasiado, sob o risco de ser classificado, arrumado, cancelado.

A nossa concentração estava reduzida à sua expressão mínima, e a nossa memória não ficava atrás da dos peixes-dourados. Os gémeos teriam agora de aprender a navegar nesse *«mundo do depois»,* ainda mais digitalizado pela ameaça invisível do vírus.

Quanto a Becks e T., voltariam à estrada, até às fronteiras europeias numa primeira fase. Na manhã da partida, as malas prontas, Aline e Mathéo voltaram-se uma última vez para a casa. T. sentiu um aperto: aquele silêncio já anunciava o de um ninho prestes a ficar vazio.

Nesse fim de abril, a trovoada rugia, com a sua carga de chuvas torrenciais e devastadoras, nuvens escuras e baixas. Divertido com essas novas perspetivas, o casal olhava-se com amor e ternura, plenamente consciente de que o parêntese acabava de se fechar para sempre.

O silêncio voltaria. Mas desta vez, já não seria o mesmo.